

A Roberta da Silva Pessanha, com carinho:

o falar pelas observações ...

A escrita em sua forma ... o desejo de escrever tudo aquilo que a Roberta representou e representa para muitos que tiveram o prazer em conhecê-la...narrar sobre Roberta é, sem dúvida, um dos maiores desafios da minha vida.

Quando a Pandemia de Covid-19, provocada pelo vírus de SARS-CoV-2, teve início no mundo, assistimos, infelizmente, o quantitativo acelerado de mortos. Em decorrência desta doença, que no Brasil se iniciou em março de 2020, passamos a vivenciar um ritual de aflição. O medo de receber a notícia de quem foi *enfeitado* pelo vírus tornou-se uma busca incansável por *rituais de cura*: o isolamento social e o fechamento de comércios e instituições educacionais sinalizavam este desejo. Em um horizonte próximo, o receio de se contaminar e ser contaminado, tornava (ou deveria ter se tornado) reflexões não apenas pessoais, mas coletivas.

A morte de Roberta representou um conjunto destas sensações; dentre elas, a mais forte, foi o sentimento de revolta. Revolta pela ausência de ação política necessária ao grito social, sobretudo das minorias, diante da luta contra o vírus. No momento desta escrita, chegamos a um total no Brasil de 619 mil mortos pela COVID-19. A busca pelas curas nas sociedades nos conduz às tensões políticas, sobretudo quando alguém se sente aflito ou doente, estabelecendo, assim, o drama social capaz de mobilizar relações sociais e simbólicas. Neste sentido, seja através da crença em seres não humanos ou espíritos ancestrais; seja pela racionalização científica, vivemos no combate ao *impuro*, aquilo que se encontra fora do lugar e que vem nos colocando em uma espécie de tempo suspenso.

Roberta agia pela observação: seu olhar discreto andava em consonância com as mãos. Com sorriso discreto, elevando as mãos para cobri-lo, de forma tímida, Roberta fazia um malabarismo na vida através de seus diferentes papéis sociais: mãe, filha, irmã, tia, estudante, bolsista e amiga solidária, característica esta que muitos identificavam nela. Roberta tinha este potencial de nos invadir pela vida pública e pela vida privada. Era a partir destas ações que ela executava um dos maiores desafios: a experiência acadêmica lado a lado com a vida pessoal, mas no sentido de fazer aquilo que ela fez como propósito de sua pesquisa: analisar o senso comum, estranhar a vida social e desnaturalizá-la.

Roberta ingressou na graduação no segundo semestre de 2014. No primeiro semestre de 2015, conheci Roberta enquanto aluna da disciplina Prática Educativa I. Roberta tornou-se bolsista de desenvolvimento acadêmico pela PROAES sob a minha orientação, em 2016, integrando a pesquisa “O sentido da Sociologia para os alunos do Ensino Médio”. Inseriu na pesquisa “Entre o Sagrado e Profano: o ensino de Sociologia como campo de observação”, durante os anos de 2017 e 2018. No ano de 2019, passou a trabalhar na pesquisa “Memória, religiosidade e educação patrimonial: um olhar sobre Campos dos Goytacazes”, coordenada também por mim e no qual fez parte até o ano de 2021.

Ao longo destes anos, acumulando a experiência de atuar em três projetos de pesquisa, Roberta foi se tornando uma espécie de fonte para os alunos novos que chegavam. Era, como eu costumava classificá-la, o nosso “dicionário vivo” do grupo de pesquisa ao descobrir o poder de colecionar conhecimentos. Era assim como a costumava chamar frente ao seu saber a respeito dos espaços religiosos em Campos. Parafraseando nosso João do Rio, Roberta era nossa “Maria de Campos”. Qualquer dúvida ou informação (observação esta perceptível também nas aulas) era seguida de uma espécie de bordão: “pergunte a Roberta”! Aquela pessoa que orientava e ajudava a todos no grupo de estudos, professores e demais amigos. Finalizando a licenciatura, em 2019, recorro de sua felicidade na disciplina do professor Carlos Eugênio e o quanto expressava o prazer por este grande profissional...a alegria era recheada por se fazer útil...Era este o jeito de Roberta: suas ações tinham que fazer sentido para ela e para o outro.

Disciplinada, companheira, conselheira, inteligente, observadora e dedicada...Recordo dos momentos de descontração no café ao lado da UFF, almoçando juntas ...com o grupo de pesquisa em eventos, nos campos... memórias vivas. Tanto tempo trabalhamos juntas... guerreira ... mãe valente... esforçada... Finalizando a licenciatura integrou no bacharelado... a discente que se tornou amiga ... Fecho os olhos e me lembro de Roberta...no grupo de pesquisa, nas aulas, pelos corredores, pelos cafés, pelo nosso bar universitário, o Chiquinho, em rodas com colegas, sentada nos bancos pela UFF, estudando os conteúdos da prova, dialogando com conhecidos e desconhecidos, nos eventos acadêmicos como o lançamento da Revista Planície Científica...Socializar era um lema forte...aquela que de tímida estava aprendendo que ser vista também era bom... Em algumas conversas, citava a alegria em contribuir e participar das discussões que fazíamos ... e dos campos de pesquisa...na última ida no campo, em 2019, tomamos sorvete ao final, com toda equipe ...este foi o nosso último encontro presencialmente.

No dia 28 de abril de 2021, às 18:41, recebi uma mensagem da Roberta via WhatsApp. Diante de uma característica inigualável, a responsabilidade, ela me perguntava se poderia entregar o trabalho da optativa sobre memória, religião e cultura que eu vinha ministrando:

Boa noite. Andréa. Tem possibilidade de entregar o trabalho final da disciplina até sábado? Eu tô com pneumonia e ainda não consegui escrever nada. Tô de cama a 4 dias. Mas, já tô tomando antibiótico. Só preciso de uns dois dias, no máximo, pra digitar e te enviar. (PESSANHA, Roberta da Silva. Destinatário: Andréa Lúcia da Silva de Paiva. [S.I]. 28 abr. 2021. 1 mensagem eletrônica.)

Dois dias depois, no dia 30 de abril de 2021, às 6:34, Roberta me escreve: “Bom dia! Infelizmente, fui internada com insuficiência respiratória não sei quando vou ter alta, não sei quando vou poder entregar o trabalho”.

Neste mesmo dia continuamos com a conversa. Roberta me informa estar internada no hospital Sociedade Portuguesa de Beneficência de Campos. Preocupada com as entregas dos trabalhos finais de semestre a dois professores, ela me pede para comunicá-los o ocorrido. Escrevo informando que transmitiria o recado acrescentando que tudo daria certo e que estava na torcida para que ela sáísse da situação vivenciada o mais breve. Ela me responde com o *emoji* de rosto sorridente (😊). Em menos de 20 minutos, eu a comunico ter avisado os professores. Roberta me responde com uma palavra muito presente em suas relações sociais: “obrigada”.

Roberta me escreveu às 17h40min, dizendo que havia saído o resultado da tomografia. Estava com 50% do pulmão comprometido e se encontrava no oxigênio, muito cansada. Agradecia a compreensão de todos. Esta foi nossa última troca de mensagens. No dia 11 de maio de 2021, recebi a notícia de falecimento de Roberta. Muito querida, fui recebendo ligações e mensagens em redes sociais de alunos que manifestavam sua saudade, lamentos, aflições e lembranças.

Culturalmente, sociedades e grupos atribuem significados diferentes às mortes: “mortes belas”, “morte boas” ou “mortes ruins”, como descreve Rial (2020)¹. Como enfatiza a autora, em nossa sociedade o cadáver tem um peso simbólico. Culturalmente, na sociedade brasileira, não o encontrar ou não o ver é não vivenciar o ritual da morte, produzindo em nós um vazio. É a ausência da última despedida do corpo. Não vivenciar parece não colocar fim

¹ RIAL, Carmen. Mortes Belas, Mortes Boas, Mortes Malignas e a Covid-19. In. Miriam Pillar Grossi e Rodrigo Toniol (orgs.) Cientistas Sociais e o Coronavírus. São Paulo: ANPOCS; Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 523- 527 [Ebook_Cientistas-Sociais-Coronavírus.pdf \(ufscar.br\)](#)

ao ritual de passagem, marcado por grandes momentos: nascimento, desenvolvimento e morte. Como diz a autora: “... o cadáver é o ponto de apoio do ritual funerário ... a ponto de podermos ver aí uma essência fundamental da consciência humana” (RIAL, 2020, p.525).

Eu tive o prazer de orientar Roberta no trabalho de conclusão de curso intitulado: “A construção do processo de conhecimento: breves observações sobre a prática docente e discente”, defendida em 2019. Roberta nos deixou uma escrita necessária a um debate que, muitas das vezes, tornamos já tão familiar que não conseguimos mais estranhar: o conhecimento do senso comum e o científico. Neste trabalho, ela visa compreender e apresentar breves considerações a respeito do processo de conhecimento na escola a partir de reflexões sobre a relação entre o conhecimento do senso comum e o científico, com base na prática docente e discente, grande preocupação e inquietação da Roberta. Com base nas discussões teóricas sobre autores e na observação participante, tendo como objeto de estudo o ensino de sociologia, Roberta buscou problematizar como se constitui o processo de conhecimento entre discentes e docentes com base nas observações realizadas nos estágios supervisionados obrigatórios, ao longo dos seus três semestres como estagiária.

Quando uma pessoa se vai ela leva consigo sonhos e nos deixa exemplos. A escrita de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Ciências Sociais – Licenciatura na UFF/Campos, é um dos maiores legados que Roberta pôde nos deixar. Convido a todos à leitura de um processo pequeno, mas válido, dos pontos centrais de seu trabalho. Na introdução e considerações finais, o texto segue em sua íntegra. Os capítulos, por sua vez, estão fragmentados. Talvez seja uma forma de “introduzir” a Roberta para quem não a conheceu...e para quem teve o prazer, ressignificar memórias.

Antes de iniciarmos a leitura, gostaria de compartilhar a felicidade entre orientanda e orientadora com o término do trabalho. Ao expressar alguns dos diálogos com a Roberta viso manter viva a sua memória. No dia 25 de julho de 2019, às 22:37, ela me encaminha a versão final do seu TCC por e-mail:

- Boa noite! Estou enviando a monografia já arrumada na forma definitiva pra ser entregue. Mais uma vez agradeço pela orientação e por embarca comigo no projeto. Roberta.

- Oi Roberta, Sou eu quem agradeço! Obrigada pelas trocas e por ser essa orientanda responsável! Foi um grande prazer! A orientação é isso: é inserir os alunos nas reflexões, diálogos e, depois, perceber que ele já é capaz de voar. Parabéns! Abraços, Andréa Paiva.
(PESSANHA, Roberta da Silva. Destinatário: Andréa Lúcia da Silva de Paiva. [S.I]. 25 jul. 2019. Duas mensagens eletrônicas).

À Roberta da Silva Pessanha, em nome do grupo de pesquisa e de tantos, nosso carinho e boas lembranças.

Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 2021

Andréa Lúcia da Silva de Paiva

Grupo de Pesquisa em memória e cultura: Motirõ Nhãdereko
Membro do Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências Sociais (LAPECS)
Professora do Departamento de Ciências Sociais – COC do Instituto de Ciências da Sociedade e
Desenvolvimento Regional (ESR)/Universidade Federal Fluminense (UFF)

A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE CONHECIMENTO: BREVES OBSERVAÇÕES DAS PRÁTICAS ENTRE DOCENTES E DISCENTES²

Roberta da Silva Pessanha³

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar breves reflexões a respeito do processo de conhecimento que compreende a relação entre o senso comum e o conhecimento científico em uma determinada escola estadual campista. Fundamentado nas discussões teóricas sobre autores e tendo como intuito a reflexão do ensino de sociologia, busca-se problematizar como se constitui o processo de conhecimento entre alunos e professores.

Sendo assim, a pesquisa se centrou no levantamento e análise bibliográfica e na observação participante. Com base nessa pesquisa, buscou-se compreender como o conhecimento escolar, em um determinado contexto e espaço, é produzido e reproduzido no ensino de sociologia.

A observação participante que compõe a metodologia desse trabalho está centrada em um ano e meio, no estágio supervisionado, do curso de Ciências Sociais – Licenciatura da UFF/Campos durante o ano de 2018 e meados de 2019. Essa metodologia foi importante para pensarmos os processos de conhecimentos que são transmitidos em sala de aula por professores e alunos e que apresentaram divergências e desafios à docência. Partimos, assim, do princípio do conhecimento como um objeto de estudo, visando desatualizá-lo ao percebê-lo com uma categoria analítica.

Para compreensão, inicialmente, é preciso perguntar o que é conhecimento? Como se processa esse conhecimento nas aulas de sociologia? Segundo o Dicionário Escolar de Língua Portuguesa Aurélio Júnior conhecimento tem as seguintes definições: 1 – ato de conhecer ou o resultado deste ato, 2 – informação ou noção adquiridas pelo estudo ou pela experiência (AURÉLIO, 2011, p. 241).

² O trabalho na íntegra pode ser obtido através do Repositório Institucional da UFF. Fonte: [RIUFF](http://riuff.uff.br). Acesso em 19/12/21.

³ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense - UFF

Nesse sentido, podemos então pensar que o conhecimento une ao homem a sua realidade frente à discussão natureza e cultura. Ele é fruto das relações do homem com o meio em que vive e, para tal, o modo de explicar e compreender o conhecimento passa por diversas vertentes classificatórias como: conhecimento empírico (vulgar ou senso comum), conhecimento filosófico, conhecimento teológico e conhecimento científico (MARCONI, M. A.; LAKATOS, 2010).

Uma das formas de analisar e descrever a respeito do processo de conhecimento na educação está na vivência na escola. O conhecimento dentro da sala de aula se dá através da interação entre os alunos os conteúdos trabalhados e o professor. Como processo de sociabilização, a educação é exercida nos diversos espaços de convívio social, onde a sala de aula é um desses espaços de convívio. Nesse sentido, educação coincide com os conceitos de socialização, que é o processo pelo qual o indivíduo é integrado numa sociedade e, através desta, adquire os hábitos que o capacitam para viver nela.

A socialização é um processo de interação social, entre o indivíduo e a sociedade que o envolve. Ela ocorre através das instituições sociais como a família, a igreja, a escola e demais grupos sociais. Para falar a respeito do conhecimento entre o senso comum e o conhecimento científico é preciso compreender e analisar as instituições sociais no processo educacional, pensar como essas constituem mudanças ao longo do tempo, pois, como analisava Durkheim:

Para poder compreender o sistema de seu tempo, não basta considerá-lo como ele hoje se apresenta, porque todo e qualquer sistema educativo é um produto histórico, que só a história pode explicar. É uma verdadeira instituição social. Nem é mesmo raro que a história de um país venha a refletir-se nele (DURKHEIM, 1952, p. 86).

É dentro dessa fala, em uma instituição escolar, em um determinado contexto, que se encontra a justificativa para a realização desse trabalho. Partindo de um local de fala, o interesse por essa pesquisa vem ao encontro às minhas memórias de estudante. Quando cursava a sétima série do ensino fundamental em uma escola campista (1989 – 1994), em 1992, fiquei reprovada na disciplina de português. Questionei se meu conhecimento do conteúdo era insuficiente: por que tanta dificuldade de assimilar conhecimento? A professora de português não permitia perguntas durante a aula.

A escola recebia alunas tanto da classe média alta quanto da classe média baixa da cidade de Campos dos Goytacazes. Essa era a configuração também dentro da sala de aula. As alunas da classe média alta se sentavam na frente, nas primeiras cadeiras e as da classe

média baixa se sentavam da metade da sala para o fundo dela. Lembro-me que tive um problema de vista na época e precisei usar um tampão em um dos olhos, mesmo assim não mudei minha posição na sala de aula, continuei sentando na parte do fundo da sala. A questão era tão “naturalizada” entre as alunas que não era discutido e nem questionado o porquê dessa configuração dentro da sala.

Na época em que estudei na escola⁴, a instituição possuía um convênio com o Estado que fornecia, além dos professores, os livros. A mensalidade era paga de acordo com uma prova que a aluna prestava ao ingressar na escola. A admissão das alunas era feita através de uma prova. De acordo com resultado obtido nessa avaliação era calculada a mensalidade, levando-se em conta a renda familiar. Fiz prova de admissão para entrar na 4ª série. Acreditava, então, que o conhecimento que eu tinha no momento me daria suporte pra continuar apreendendo e assimilando conhecimento. Não entendi o porquê da reprovação, pois havia chegado a sétima série sem ter problema algum quanto ao conhecimento escolar.

Penso, com base nas minhas inquietações de licenciada em Ciências Sociais, que o problema não foi diretamente a assimilação de conhecimento, mas a forma como esse conhecimento me foi passado, pois como já foi dito anteriormente, a professora não permitia perguntas por parte das alunas durante as suas aulas e, se tínhamos dúvidas, eram sanadas de outras formas. No meu caso, com a orientadora que a minha mãe pagava na época. Penso que a didática da professora na escola nos prejudicava.

No Ensino Médio me deparei com dificuldades novamente. Cursei meu ensino médio em uma escola técnica estadual (1995 – 1997) onde foi priorizado o técnico e não as disciplinas como português, Matemática, História, Geografia etc. Não quero dizer aqui que não vi as demais matérias, mas elas me foram apresentadas bem superficialmente. Geografia e Sociologia, por exemplo, só tive acesso no último ano do ensino médio. Física, Química e Biologia somente foram ofertadas no primeiro ano do ensino médio. Embora Português e Matemática compusessem toda a grande curricular, do primeiro ao último ano do ensino médio, houve bimestres que não tivemos professores destas áreas.

⁴ Segundo o site, o Colégio Laura Vicunha começou em 1949 a construir a sua história junto à comunidade campista embasado no Sistema Preventivo de Dom Bosco cujo lema objetivo estava em “Formar o bom cristão e o honesto cidadão” para atuar de forma positiva na sociedade. Fonte: site (lauravicunha.com.br/). Visitado no dia 15/05/19. No período em que estudei, final dos anos 80 e 90, a escola era formada apenas por meninas. A escola final dos anos 90 e início do ano 2000 a escola passou a receber meninos também.

Procurei suprir a carência nessas disciplinas fazendo novamente o ensino médio em outra escola estadual (1999 – 2000), onde entrei a partir do segundo ano, para me preparar para o vestibular da UFF de 2000, para o curso de Serviço Social.

Ao chegar à universidade no curso pretendido, obtive novas dificuldades. Deparei-me com uma carga de leitura grande e percebi que o conhecimento que eu tinha adquirido até o momento era insuficiente, pois precisava rever alguns textos e recuperar conceitos. Um dos sentidos comuns que eu trazia era que a universidade era para todos, mas na conclusão, percebia que não era; principalmente devido aos tantos obstáculos de aprendizagem (correr atrás de conhecimentos não adquiridos; por não se enquadrar a uma metodologia e didática; ou por falta de tempo por trabalhar e estudar a noite).

A permanência na universidade foi difícil e marcada por uma série de ajustes e ações práticas, em resposta aos diferentes obstáculos que vão surgindo ao longo do percurso. Algumas questões ocorridas no meu fundamental foram fazendo sentido para mim, tais como a minha dificuldade de assimilação de conteúdo em conjunto com a didática da professora de português que eu comparava com outros professores na forma de transmitir o conhecimento e o cotidiano escolar⁵.

Com o passar dos períodos na universidade, meus questionamentos foram aumentando e minha necessidade de entender como o conhecimento científico se dá foi crescendo. Uma das questões que eu precisava entender era: porque a relação do conhecimento do senso comum que o indivíduo carrega para a escola é tão estigmatizada e, ao mesmo tempo, tão importante para entender o conhecimento científico que nós adquirimos quando entramos na escola.

Em minhas observações no estágio docente do curso de Ciências Sociais⁶, sobretudo no Conselho de Classe, muitos professores referem-se à falta de interesse dos alunos como uma das causas que impedem a apropriação do conhecimento científico, não considerando que a dificuldade possa estar relacionada à forma como esse conhecimento é abordado em sala de aula. A citação abaixo vem ao encontro a essa questão:

⁵ Não havia por parte das alunas um estranhamento sobre a questão da disposição e arrumação da sala: alunas de renda mais elevada nas cadeiras da frente e as outras alunas de renda mais baixa nas cadeiras do meio para o fundo da sala. A questão, aparentemente, estava "dada" e não era questionada por nenhuma de nós. E os tipos de conhecimentos, sua forma de trabalhar, pareciam ser vistos, de certa forma, como "natural".

⁶ No segundo semestre do ano de 2014 ingressei no curso de Ciências Sociais da UFF. Meu ingresso no curso de Serviço Social havia ocorrido no segundo semestre de 2002 onde cursei um ano e meio do curso.

Não é curioso que os nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? Você já viu alguma prova ou exame em que o professor pedisse que o aluno formulasse o problema? O que se testa nos vestibulares, e o que os cursinhos ensinam, não é simplesmente a capacidade para dar respostas? Frequentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno (ALVES, 1981, p.18).

Rubens Alves (1981) afirma que só podemos ensinar e aprender partindo do senso comum que o indivíduo possui. De acordo entre educadores (SANTOS, 2012; MESSEDER NETO et al., 2013; BELLUCO et al., 2014) todo sujeito, quando chega à escola, traz consigo uma compreensão do mundo que o cerca. São conhecimentos adquiridos no meio em que vive, denominados de conhecimentos prévios que, normalmente, não estão em harmonia com aqueles produzidos pela ciência. Os conhecimentos prévios, também chamados de concepções alternativas ou senso comum, se não forem devidamente problematizados podem prejudicar o processo de aprendizagem do aluno, dificultando a apropriação do conhecimento, como veremos adiante.

Sendo assim, esse trabalho está centrado em uma discussão teórica sobre conhecimento, especialmente conhecimento do senso comum e conhecimento científico, e na observação participante durante o estágio supervisionado do curso de Ciências Sociais - licenciatura durante o período de 2018-1 a 2019-1. A escolha por uma pesquisa bibliográfica foi feita de forma que a fundamentação teórica tivesse sustentação argumentativa sobre o tema abordado. Conforme a citação abaixo, do educador João José Saraiva da Fonseca:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA 2002, p 32).

De acordo com os historiadores Cervo e Bervian (1976, p. 69), qualquer tipo de pesquisa em qualquer área do conhecimento supõe e exige pesquisa bibliográfica prévia, quer para o levantamento da situação em questão quer para a fundamentação teórica, ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa.

A escolha pela observação participante ocorre para que eu tivesse a experiência e análise da sala de aula e pudesse vivenciar o cotidiano da escola e coletar informações que talvez através de perguntas não seriam alcançadas. Segundo o autor William Fonte Whyte

em seu livro “Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada” (2005), um dos dez mandamentos da observação participante é:

A observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa... As entrevistas formais são muitas vezes desnecessárias (FOOTE WHYTE, 2005, p.3003 e 304).

A observação participante é normalmente utilizada na pesquisa qualitativa para coletas de dados, possui concepções e linhas de abordagem diferentes. Este método pode ser conceituado como:

O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo (MAY, 2001, p.177).

A antropóloga Cecília Minayo (2013) partilha da ideia que a observação participante pode ser considerada como parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa:

Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente (MINAYO, 2013, p. 70).

Dessa forma, tenho o objetivo de reunir informações que servirão de base para a construção do meu trabalho. Em termos estruturais, o trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo apresento a análise de como se dá a relação do senso comum e científico na escola. No segundo capítulo descrevo uma breve abordagem sobre educação, apresentando uma discussão com os clássicos da sociologia, expondo uma discussão teórica desses autores, associando-as aos seus conceitos de educação. No terceiro capítulo exponho e analiso as minhas observações feitas durante o estágio obrigatório.

1- A ESCOLA E A RELAÇÃO COM SENSO COMUM E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Texto integral encontrado em: PESSANHA, Roberta da Silva. A escola e a relação com senso comum e o conhecimento científico. In: PESSANHA, Roberta da Silva. **A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE CONHECIMENTO**: breves observações das práticas entre docentes e discentes. Campos dos Goytacazes: Uff- Universidade Federal Fluminense, 2019. Cap. 1. p. 16-22. Disponível em:

<https://app.uff.br/riuff/handle/1/14487>. Acesso em: 28 dez. 2021.

Por que falar sobre conhecimento? Como futura professora de sociologia, percebo a necessidade de entender e compreender como se dá o processo de conhecimento na escola. Como escrevi na introdução, o conhecimento está unido ao homem, à sua realidade, portanto, o conhecimento é fruto das relações do homem com o meio em que vive.

O modo de explicar e compreender o conhecimento passa por diversas vertentes. As vertentes de investigação nesse projeto são as que dizem respeito ao conhecimento do senso comum e a do conhecimento científico que são processados na escola. A distinção entre o conhecimento empírico (senso comum) e o científico é a maneira pela qual os adquirimos no contexto escolar. O conhecimento do senso comum é apresentado como aquilo que aprendemos a partir da nossa interação e observação do mundo, e o conhecimento científico, por sua vez, compreende as informações e fatos que são comprovados pela ciência.

[...]

A relação da categoria homem enquanto indivíduo e sociedade está associada ao seu convívio social e não pode ser explicada, apenas, por fatores biológicos. A interação acontece baseada em diversos elementos e ações que se formam ao longo da vida do indivíduo. A interação social com outras pessoas desempenha um papel essencial na formação individual.

[...]

Cada sociedade desenvolve instituições encarregadas pela inserção do homem no contexto social em que vivem e, como apontado, a escola é uma delas.

[...]

Nosso interesse é fazer breves considerações sobre o processo de conhecimento que envolve a relação entre o senso comum e o senso científico na escola. Pensar sobre esses dois tipos de conhecimentos nos coloca diante de outras questões como: classe social, habitus, educação e capital social por exemplo.

[...]

A respeito da atuação que o meio social tem na formação dos conhecimentos prévios ou do senso comum, Poli (2008, p. 188) afirma que, “[...] tanto Freire quanto Vigotski concebem o processo de conhecimento como fenômeno cuja produção depende da relação de troca, de interação, que se efetiva e se caracteriza fundamentalmente pela mediação social”.

2- BREVES ABORDAGENS SOBRE EDUCAÇÃO PARA PENSAR OS DESAFIOS DO PROCESSO DE CONHECIMENTO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA

Texto integral encontrado em: PESSANHA, Roberta da Silva. Breves abordagens sobre educação para pensar os desafios do processo de conhecimento no ensino da Sociologia. In: PESSANHA, Roberta da Silva. A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE CONHECIMENTO: breves observações das práticas entre docentes e discentes. Campos dos Goytacazes: Uff- Universidade Federal Fluminense, 2019. Cap. 2. p. 23-31. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/14487>. Acesso em: 28 dez. 2021.

Neste capítulo, pretendo apresentar uma breve discussão sobre educação nos clássicos da sociologia, expondo uma discussão teórica desses autores e associando-os aos seus conceitos de educação. Entre os clássicos da sociologia, trabalharei com Émile Durkheim, Pierre Bourdieu e Hanna Arendt.

[...]

Na Sociologia, sociedade é o conjunto de pessoas que partilham propósitos, gostos, preocupações e costumes, e que interagem entre si estabelecendo uma coletividade. A sociedade é o objeto de estudo das ciências sociais, principalmente da Sociologia.

[...]

A escola e a família funcionam como espaços criadores de conhecimentos necessários para que indivíduos atuem em diversos campos. Desta forma, a classe detentora de um elevado capital escolar, herdeira de um capital cultural, opõe-se as demais classes sociais destituídas desses capitais, pois os gostos são constituídos por capitais simbolicamente diferentes.

[...]

É preciso, também, discutir a questão da crise na educação nos dias atuais, levando-se em conta o quanto isso interfere na aquisição de conhecimento. Para essa discussão trazemos as reflexões da autora Hanna Arendt.

[...]

3- A EDUCAÇÃO E O CONHECIMENTO, A IMPORTÂNCIA DE CONHECER VIVÊNCIAS AO LONGO DO ESTÁGIO DOCENTE.

Texto integral encontrado em: PESSANHA, Roberta da Silva. A Educação e o Conhecimento, a Importância de Conhecer Vivências ao Longo do Estágio Docente. In: PESSANHA, Roberta da Silva. A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE CONHECIMENTO: breves observações das práticas entre docentes e discentes. Campos dos Goytacazes: Uff- Universidade Federal Fluminense, 2019. Cap. 3. p. 32-44. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/14487>. Acesso em: 28 dez. 2021

O conceito de Educação deve ser compreendido a partir da ideia de que a educação é um fenômeno criado pela e para a sociedade, como já analisava Jonh Dewey (1979).

[...]

O autor destaca, no processo de ensino aprendizagem, que o conhecimento se torna importante quando é alcançado através da vivência, visto que tanto professores como alunos possuem experiências próprias que devem ser aproveitadas no cotidiano escolar. Desse modo, além dos conteúdos formais, o aluno teria a seu dispor algo concreto para apreender. É através das experiências partilhadas no ambiente escolar que a aprendizagem e a produção do conhecimento seriam coletivas. Uma vez vivenciadas e experimentadas, a aprendizagem se torna educativa.

[...]

O estágio supervisionado obrigatório nas licenciaturas é uma das formas de colocar em prática, pesquisar e observar processos de conhecimentos. É visto como o momento em que os conceitos aprendidos pelos licenciando são associados à prática docente, bem como o momento em que o futuro professor experimenta o seu campo de formação.

[...]

O senso comum, que é acumulado ao longo da vida e passado de geração em geração, é um conhecimento que não se fundamenta em metodologias ou resultados científicos, e sim

no modo comum e natural de assimilar informações e conhecimentos no dia a dia. Quando ele diz “a minha mulher”, ele está reproduzindo uma posição de posse e um pensamento machista, que foi passado e assimilado por ele durante sua infância e adolescência; afinal ainda somos uma sociedade machista, que conserva certos padrões morais.

[...]

No conselho de classe que tive oportunidade de assistir, me chamou a atenção a seguinte fala da diretora ao classificar, junto aos professores, o que seria “aluno destaque” e “aluno problema” de determinada turma. Como se pode definir um aluno utilizando os termos “destaque” e “problema”? Essa questão me deixou curiosa. Afinal, o que é um aluno “destaque”? E um aluno “problema”? Deparamos-nos novamente com a questão do senso comum e do conhecimento científico, onde o primeiro se aproxima de uma ideia de julgamento e opiniões pessoais passando por questões morais e pessoais.

[...]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de iniciar estas considerações descrevendo as contribuições oferecidas pelos teóricos utilizados. Busquei, através de um diálogo entre as teorias e as observações, construir uma fundamentação teórica que me permitisse escrever algumas análises, mesmo que parciais, que buscassem evitar o simplismo e a generalização. Busquei também realizar a pesquisa mantendo o respeito com os sujeitos/objetos da pesquisa, por tais razões, os nomes não foram revelados.

Nosso interesse aqui foi fazer breves considerações sobre o processo de conhecimento que envolve o senso comum e o senso científico na escola. Procuramos fazer uma reflexão a partir da escola enquanto espaço de produção do conhecimento e de aprendizagem, entendendo ser importante pensar as relações e interações neste espaço. Foi difícil pensar e escrever sobre a questão do processo de conhecimento envolvendo as práticas entre docentes e discentes, pois, afinal, existem muitos conceitos e observações que envolvem essa relação e, por essa razão, dinamizam e problematizam as aulas.

O conhecimento científico e o conhecimento do senso comum são dois campos que diretamente estão relacionados com a escola: a escola se propõe a construir e transmitir aos alunos o conhecimento científico. Compreender as relações entre essas três instâncias, conhecimento científico, conhecimento do senso comum e escola, ajuda a entender como se constrói o conhecimento entre docentes e discentes no processo educativo.

O aluno não aprende sozinho, a aprendizagem depende da interação com o professor e o meio. Vygotsky (1994), ao falar sobre a importância das interações sociais, deixa claro que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre os indivíduos. A respeito da atuação que o meio social tem na formação dos conhecimentos prévios ou do senso comum, Poli (2008, p. 188) já afirmava que “[...] tanto Freire quanto Vigotski concebem o processo de conhecimento como fenômeno cuja produção depende da relação de troca, de interação, que se efetiva e se caracteriza fundamentalmente pela mediação social”.

Acredita-se que todo conhecimento percorre um senso comum, ou seja, um saber cotidiano que precisa dar lugar a novos saberes.

O autor José de Souza Martins no artigo “O senso comum e a vida cotidiana” (1998) analisa:

O senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social. Nela o significado a precede, pois é condição de seu estabelecimento e ocorrência. Sem significado compartilhado não há interação. Além disso, não há possibilidade de que os participantes da interação se imponham significados, já que o é reciprocamente experimentado pelos sujeitos. A significação da ação é, de certo modo, negociada por eles. Em princípio, não há um significado prévio ou, melhor dizendo, não é necessário que haja significações preestabelecidas para que a interação se dê. Um aspecto essencial dessa formulação é o de que esse complicado jogo se desenrola, de fato, em minúsculas frações de tempo. Se nos fosse possível observar o processo interativo em “câmara lenta”, poderíamos perceber o complexo movimento, o complicado vai-e-vem de imaginação, interpretação reinterpretção, e assim sucessivamente, que articula cada fragmentário momento da relação entre uma pessoa e outra e, mesmo, entre cada pessoa e o conjunto dos anônimos que constituem a base de referência da sociabilidade moderna (MARTINS, 1998, p. 3 e 4).

Entendemos que, para isto, o professor deve assumir um papel de mediador na sala de aula, possibilitando aos alunos situações que os levem a pensar, criar e refletir. Quando o indivíduo possui um grau de conhecimento, ele passa a refletir e a não aceitar certas ações e certas atitudes. Ele passa a buscar sua autonomia e independência frente à

sociedade. O indivíduo torna-se um ser, um sujeito crítico e reflexivo e a lutar por uma posição na sociedade.

É nesse sentido que o estágio obrigatório supervisionado do curso de Ciências Sociais – licenciatura se apresenta como um espaço de experiência, onde pode, de modo crítico e reflexivo, analisar, investigar, observar e avaliar alguns dos processos de conhecimentos no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

- ALVES, *Rubem*. **Filosofia da ciência: introdução** ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981. 240 p.
- BELLUCO, Alex; CARVALHO, Ana M. Pessoa. **Uma proposta de sequência de ensino investigativa sobre quantidade de movimento, sua conservação e as leis de Newton**. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 31, n. 1, p. 30- 59, abr. 2014.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. A pesquisa: noções gerais. In: **Metodologia Científica** : para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976. p. 65-70
- DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 3 ed. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1952. 120 p.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. *TempoSocial; Rev. Sociol. USP*, São Paulo, 10(1): p 1-8, maio de 1998.
- MAY, T. **Pesquisa Social, Questões, Métodos e Processos**. 2001. Porto Alegre. Artemed. 288 p.
- MESSEDER NETO; PINHEIRO, Barbara C. S; ROQUE, Nídia Franco. Improvisações Teatrais no Ensino de Química: Interface entre Teatro e Ciência na Sala de Aula. **Química nova na Escola**, v. 35, n. 2, p. 100-106, maio 2013.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 33. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- POLI, Solange Maria Alves. **Freire e Vigotski: um diálogo entre a pedagogia freireana e a psicologia histórico-cultural**. 2008. 204 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16062008-133010/pt-br.php>. Acesso em: 28 dez. 2021.

SANTOS, Laudenides P. A relação da Geografia e o conhecimento cotidiano vivido no Lugar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 107- 122, set./dez. 2012.

VYGOTSKY, L. S. (1994) **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes. 175 p.

WHYTE William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.